

Mística cristã e distanciamento social na pandemia: uma “pausa obrigatória” para escutar Deus?

Rossivan Lopes da Costa *

Resumo¹

O presente artigo aborda o tema da mística cristã e sua relação com o distanciamento social, fruto da pandemia atual que tem aprofundado a crise humana e ecológica. Busca entrever como a contemplação cristã pode ser um caminho, entre outros, para fornecer às pessoas a possibilidade de reencontrarem sua essência, a partir do discernimento dos sinais de Deus. Numa perspectiva religiosa, pode aquele que crer voltar a vislumbrar dentro de si e na prática da alteridade o Deus da vida. Para isto, precisará aprender a caminhar no compasso do Criador, que nos convida a viver em serenidade. Parece-nos que alguns aspectos da mística cristã podem ajudar o ser humano contemporâneo, em forte angústia existencial, a realizar um contato real com princípios que restauram e elevam a sua dignidade. Segue-se, então, o seguinte percurso: primeiro, a mística como fonte de comunhão com o Deus altruísta e com o próximo; e por último, a percepção da necessidade que se tem de viver num estado de serenidade tal, que viabilize um estilo de vida sóbrio, holístico e responsável. Considerando este caminho, nota-se que só assumindo uma postura humilde perante Deus, e cultivando uma espiritualidade descentrada de seu egoísmo, é que,

* Mestrando em Teologia Espiritual na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia-FAJE. Bolsista do CNPq.

¹ O presente artigo é uma ampliação de nossa Comunicação, apresentada no 33º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião-SOTER, realizado de 12 a 16 de julho de 2021.

convertendo-se, a humanidade poderá vislumbrar o horizonte da alteridade que gera vida plena em si mesma e no cosmo que a circunda.

Palavras-chave: Mística. Distanciamento social. Angústia existencial. Alteridade. Conversão.

Abstract

The present article addresses the theme of Christian mysticism and its relationship with social distance, the result of the current pandemic that has deepened the human and ecological crisis. It seeks to glimpse how Christian contemplation can be one way among others to provide people with the possibility of rediscovering their essence, based on the discernment of God's signs. From a religious perspective, those who believe can again glimpse within themselves and in the practice of alterity the God of life. For this, he will need to learn to walk in step with the Creator, who invites us to live in serenity. Thus, the objective here is to express that some aspects of Christian mysticism can help the contemporary human being, in a strong existential anguish, to realize in real contact with principles that restore and elevate their dignity. To achieve this goal, the following path is followed; first, contemplation as a source of communion with the altruistic God and with others; and finally, the perception of the necessity of live in a state of serenity such as to enable a lifestyle sober, holistic, and responsible. Considering these issues, it is noted that only assuming a humble posture before God, and cultivating a spirituality decentered from its selfishness, is that, by converting, humanity will be able to glimpse the horizon of otherness that generates full life by itself and in the cosmos that surrounds it.

Keywords: Mystique. Social distance. Existential anguish. Otherness. Conversion.

Introdução

Nos primeiros meses de 2020, fomos, abruptamente, atingidos pela pandemia da Covid-19. Esta trouxe consigo os *lockdowns*², as quarentenas

² Diferença entre *isolamento social*, *quarentena* e *lockdown*: "O *isolamento* [social] é a separação das pessoas doentes daquelas não infectadas com o objetivo de reduzir o risco de transmissão da doença (...). A *quarentena*, é a restrição do movimento de pessoas que se presume terem sido expostas a uma doença contagiosa, mas que não estão doentes (...). O *distanciamento social* envolve medidas que têm como objetivo reduzir as interações em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas, ainda não identificadas e, portanto, não isoladas (...). O caso extremo de distanciamento social é a contenção comunitária ou bloqueio (em inglês, *lockdown*) que se

e o isolamento social. Destarte, como em nenhum outro momento de nossa história, tínhamos à nossa disposição um tempo abundante para passarmos em nossas casas. Convidados, involuntariamente, pelas circunstâncias sanitárias a restringirmos nossos deslocamentos, deparávamo-nos com um inédito, grandioso e perturbador fenômeno do *apartheid* social em tempos de globalização. O distanciamento social da pandemia do vírus H1N1, em 2009, não tinha sido tão severo e tão extenso quanto o atual.

De uma rotina fortemente marcada pelo ativismo, nos víamos forçados a parar bruscamente nossas idas e vindas, tanto para dentro do país, nas cidades e estados, quanto para fora. Perpassados por estas circunstâncias, fomos imperativamente convocados a nos posicionar frente aos desafios que despontavam. Fatigados, confusos e angustiados existencialmente, encontrávamo-nos, agora, perante a premente possibilidade de um colapso social que abrangesse todas as instituições modernas. Todavia, em contrapartida, tínhamos diante de nós a oportunidade ímpar de aproveitarmos este momento para uma sincera revisão de nossas vidas, isto é, de nossos relacionamentos com nós mesmos, com o próximo, com a natureza e com Deus.

É diante deste cenário que, vivenciando-o ainda hoje, em 2021, vislumbramos a oportunidade de trazer de volta para nossas reflexões cotidianas, a temática da mística cristã³. Com sua vasta experiência de dois milênios, percebemos que ela tem oferecido importantes contribuições, para o encontro do ser humano com o que ele tem de mais precioso: a vida interior e os desdobramentos de tais experiências para os outros.

Vivenciada por vários homens e mulheres de ontem e de hoje, a exemplo de São Francisco (1182-1226) e Santa Teresa D'Ávila (1515-1582), a mística permitiu a eles e a elas uma autêntica metanoia do falso para o verdadeiro, do supérfluo para o essencial em suas vidas. É neste sentido que, em meio a um forte vazio existencial e um sofrimento brutal pelos quais passamos, podemos buscar no silêncio uma maneira de retomarmos o prumo seguro e luminoso de nossas escolhas e decisões.

1. O distanciamiento social durante a pandemia e a alteridade⁴ em fragmentação: como contemplar Deus no outro?

refere a uma intervenção rigorosa aplicada a toda uma comunidade, cidade ou região através da proibição de que as pessoas saiam dos seus domicílios (...)” (AQUINO, 2020, p. 1).

³ Queremos aqui abordar a mística, principalmente, segundo a sua *etimologia*: “(...) etimologicamente, mística provém de *myô*. Este verbo [grego] significa o procedimento de fechar os olhos e olhar para o interior. Daí se deriva sobretudo o tipo de mística do mergulho no divino” (EICHER, 1993, p. 564).

⁴ Trabalharemos aqui com o conceito de alteridade extraído da filosofia de Emmanuel Lévinas (1906-1995), que nos interpela a um compromisso objetivo com o outro que sofre: Diz o filósofo: “(...) É ali na alteridade que abriga infinitamente grande tempo num entretanto intransponível. O um é para o outro um ser que se desprende, sem se fazer contemporâneo do outro, em poder colocar-se a seu lado numa síntese, expondo-se como tema, um-para-o-outro como um guardião-de-seu-irmão, como um responsável-pelo-outro” (LEVINAS *apud* CARVALHO, 2013, p. 329).

As perguntas são importantes. Elas nos desinstalam e nos levam, muitas vezes, para caminhos desconcertantes. Costumam aparecer sobretudo em momentos de crise, como o da pandemia da COVID-19 que ora atravessamos: "(...) Que significa o ser humano? Por que viemos ao mundo? (...) Que é o amor, a fidelidade? (...)” (SUDBRACK⁵, 1992, p. 291). O que pode nos sugerir outras: Por que esta pandemia que atravessamos? Que significa este silêncio ensurdecedor causado pelos *lockdowns*, pelo isolamento social e as quarentenas? O que a mística tem a dizer sobre questões de como vivenciar a alteridade neste tempo pandêmico e “onde está Deus?”.

Em nosso contexto atual, o crescente aumento de contágio, de internações hospitalares e de óbitos devido ao novo corona-vírus têm, visivelmente, feito crescer a angústia existencial. O próprio fato das pessoas não poderem velar com dignidade seus entes queridos mortos, tem causado transtornos emocionais de proporções ainda não calculadas. Até aonde podemos ser vulneráveis, a ponto de nos conduzir à autodestruição, esta pandemia o tem revelado, talvez como em nenhum outro acontecimento de nossa história passada, sobretudo para nós brasileiros. Contudo, não só a espécie humana pode ser extinta rapidamente, mas também o meio ambiente que é seu habitat natural, como veremos mais adiante.

No epicentro de tantas dores não faltam intelectuais da teologia e demais ciências humanas⁶ que tentam fazer uma leitura desta crise pandêmica global. Um deles é o leigo dominicano espanhol, Carlos Luna. Para ele, “temos uma oportunidade única como Igreja de iluminar a humanidade com uma nova pastoral da incerteza, da fragilidade, da insegurança, (...) para que, desde ela, se encontrem com esse Deus que não é alheio a nenhuma dessas inquietudes humanas” (LUNA, 2020, p. 129).

Teologicamente, com razão, Deus nem é alheio aos nossos sofrimentos e muito menos é o autor deles ou da morte. Segundo a tradição vetero-testamentária, que é aceita pelo Novo Testamento (Cf. Jo 10,10), “Deus criou o homem para a imortalidade e o fez imagem de sua própria natureza; foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo: experimentam-na aqueles que lhe pertencem” (Sb 2,23-24).

Se hoje estamos forçosamente isolados, detidos em nossas próprias casas, e com um medo real e justo de nos encontrarmos para que não sejamos contaminados por este vírus altamente letal, parece-nos que isto não é a vontade de Deus. É bem mais provável que a pandemia seja fruto de um ser humano fragmentado, que já vem em crise a muito tempo.

A Covid-19, com o distanciamento social e a fragilização da

⁵ Josef Sudbrack (1925-2010) foi um padre jesuíta alemão que dedicou boa parte de sua vida aos estudos da Mística Cristã, colocando-a em diálogo com outras místicas.

⁶ Neste e no próximo tópico de nosso trabalho, procuraremos promover um diálogo entre a Mística e outros saberes da Ciências Humanas, a exemplo da Psicologia, Filosofia e Sociologia.

alteridade⁷ aos quais estamos expostos, pode estar revelando a nossa falta de silêncio e de mística (quer dizer, de uma espiritualidade da vida – humana, cósmica e transcendental), enquanto experiência que nos convida a “olharmos para o nosso interior”. Mas, por que é importante estarmos em constante contato com o nosso eu? Por que nele, afirma a psicóloga Luciana Barbosa – falando sobre a mística carmelita Teresa D’Ávila e sua obra *Castelo Interior* – encontramos com Deus. Com efeito, “(...) quando consegue fazer a viagem para o centro de si mesmo, o homem descobrirá o quanto está descentrado de si e centrado no outro que é Deus, este que ele reconhece em seu interior, na sala mais profunda do castelo, e que estava lá desde sempre” (2015).

Numa experiência mística, Deus revela-se ao ser humano como um outro que o interpela à caridade, a qual se dinamiza pela alteridade, que é mover-se ao encontro do próximo que sofre. Não há, na contemplação, como alcançar Deus sendo alheio ao irmão que geme as dores da indiferença e do abandono. Este ir em socorro dos marginalizados faz-nos levar um sentido à sua existência, o que, misteriosamente, acaba por conferir um sabor alegre à nossa.

É por isto que “na questão da busca pela essência da mística inclui-se a questão do sentido da vida, da pergunta por Deus (...)” (SUDBRACK, 2007, p. 45). Diante da grande solidão em que estão vivendo tantas pessoas neste momento, sobretudo as pessoas idosas e os contaminados em isolamento, pensamos que a “busca pela essência da mística cristã” é a busca por uma experiência de reencontro com a própria essência do eu. Se este eu está confuso, o “nós” também entra num processo de perturbação comunitária. Todavia, quando nos deparamos com a solidão, não devemos pensar precipitadamente que é um mal para nós (mesmo sabendo que em si mesmo a solidão não faz parte de nós, no sentido de sermos sociáveis)⁸, ou que seja nosso fim. Na verdade, pode ser uma oportunidade valiosa para nos encontrarmos com o Deus que nos criou e, através de seu Filho encarnado habita em nós. Ele é o Outro, com quem podemos partilhar verdadeiras experiências de alteridade.

Mas, não só Deus é o outro com quem podemos ter interação, como ele nos fez seres de relação entre nós mesmos. Há também, então, uma possibilidade factual de experimentarmos relações livres e responsáveis entre nós humanos. Com efeito, o eu tem sua identidade revelada na relação com o tu, que difere de mim. A dimensão da alteridade aparece

⁷ Em que sentido falamos da “fragilização ou fragmentação da alteridade”? Nos ajuda a entender o sentido que aqui trazemos o teólogo e acadêmico do *Boston College*, Hosffman Ospino: “Diante de uma pandemia, a existência do ser humano, em suas muitas dimensões, está sob ameaça. A doença, a morte e insegurança estão à espreita. Vemos como a vida diária é dramaticamente transformada: como nos relacionamos, como trabalhamos, como nos movemos de um lugar para outro, em que espaço nos reunimos, (...) quem permitimos ficar ao redor de nós; quais espaços são seguros para que nossas crianças se eduquem e brinquem (...)” (2020, p. 103). Todavia, a alteridade continua acontecendo entre grupos menores que prestam socorro aos idosos, doentes e aos mais pobres.

⁸ Partimos aqui do pressuposto teológico de sermos obra do Deus Uno e Trino e, portanto, sendo nós sua imagem e semelhança (Cf. Gn 1,26), fomos feitos para a convivência em sociedade.

assim como uma condição fundamental da realização humana.

Contudo, o que notamos é que vivemos desde muito antes da pandemia, "(...) como se o social não fosse uma necessidade profundamente nossa. Como se as pessoas funcionassem como decoração de uma paisagem espelhada onde o que vemos apenas são reflexos repetidos de quem somos (...)" (BURIL, 2020, p. 31-32). Neste estilo de vida não prevalece a alteridade, mas um narcisismo que mina as relações fraternas, prejudicando por extensão até mesmo o meio ambiente. Com efeito, bem sabemos que a tecnologia e o desenvolvimento industrial que alcançamos, produtos de nossa inteligência, por si mesmos não nos têm feito mal. O problema parece estar numa pequena parte dos seres humanos, egocêntricos e ambiciosos, que os dirige segundo as leis do capital financeiro selvagem.

Fechada em seus próprios projetos e sonhos de atingir o que ela chama de "progresso", uma boa parte dos seres humanos está desde há muito tempo contaminada pelo vírus – pior que o da Covid-19 – do subjetismo indiferente. Isto a fez, pelo que indicam as consequências do que passamos, gastar a maior parte de seu tempo com coisas supérfluas. Distante do Deus da vida e de seu projeto apresentado por Jesus no anúncio do Reino, estes seres humanos foram, aos poucos, desvencilhando-se de seu eu autêntico e sadio. Separando-se cada vez mais uns dos outros e do Outro transcendental, foram atingindo níveis consideráveis de uma angústia existencial que transparece com violência nestes dias.

Entretanto, a pandemia não precisa ser uma espécie de "apocalipse final". Ela pode ser um momento ímpar para fortalecermos os vínculos de alteridade, desde que sejamos menos arrogantes e passemos a cultivar mais valores tais como o silêncio e o altruísmo⁹. Assim, teremos mais chances de retomar a bússola da vida que foi dada igual e gratuitamente para todos. É isto o que pensamos que a mística cristã propõe: voltarmos a olhar para nosso interior e, ajudados pela luz do Espírito Santo, encontrarmos uma via que nos leve a uma vida onde os outros sejam olhados por si mesmos, e não como mera projeção de nosso ego absolutizado.

Quando colocarmos o foco nas coisas essenciais da vida, como a abertura à escuta de Deus pela oração e o serviço aos últimos, teremos talvez melhores condições de sairmos desta crise. É na Santíssima Trindade em quem podemos encontrar o modelo primordial de alteridade. Daí a necessidade de retomarmos o itinerário de uma espiritualidade libertadora, pois "na mística cristã a profundidade do *self* é definida como (...) passagem [do *self*] em direção a Deus, e encontramos o sentido da existência justamente nesse movimento para o outro maior" (SUDBRACK, 2007, p. 39). Este "sentido da existência" que está em Deus, de quem

⁹ Entendemos por *altruísmo* o que expressa o Dicionário: "Ausência de egoísmo, abnegação. Atitude que visa o bem-estar do próximo, não tendo em consideração interesses particulares. Ato de amar o próximo sem esperar nada em troca" (DICIONÁRIO, 2021).

somos inabitado, pode ser reencontrado dentro e fora de nós, no encontro pessoal e comunitário com Jesus, e em cada gesto sincero de solidariedade.

2. É possível escutar Deus, nós mesmos, o outro e a natureza neste ritmo frenético que vivemos?

O movimento pela busca do reencontro com nossa própria essência, a partir da contemplação de Deus que se faz presente em todos os acontecimentos¹⁰ de nossa história, tem suas exigências. Como podemos observar na nossa própria experiência cotidiana, em meio a tantas necessidades que temos, está a do descanso ou pausa restauradora. Devido à nossa inerente condição de finitude e falibilidade, não podemos ficar o tempo todo em atividade. E quando, sem notarmos, desrespeitamos as leis do nosso corpo e de nossa mente, sentimos, mais cedo ou mais tarde, as consequências disto.

Observando a sociedade de hoje, nesta pandemia, percebemos o quanto ela está exausta. Como se estivesse longe de uma fonte d'água, parece caminhar bastante sedenta. Nesta ótica, precisa encontrar urgentemente um "manancial que sacie sua sede". Esta "sede" pela qual passamos pode ter vários significados. Um deles poder ser a sede de oração libertadora, que difere da oração alienante. A primeira nos permite tocar o mais profundo do nosso eu, que se abre aos reais anseios divinos; a segunda nos arremessa para fora de nós mesmos, despersonalizando-nos. Neste sentido, escreve Pedrosa-Pádua: "(...) Como no século XVI, penso que o cansaço com relação às instituições provoca uma busca de interioridade, de oração e de experiências verdadeiras compartilhadas" (PEDROSA-PÁDUA, 2012a).

De fato, vivemos sob o fenômeno moderno de uma escravidão, baseada num estilo meramente materialista de viver, onde as interações acontecem quase sempre no nível de uma exterioridade virtualizada. Apegados demais a aspectos secundários de nossa existência, descuramos daquilo que é substancial. Por isto, consideramos a importância do retorno, na espiritualidade, à temática da mística em nossos tempos tão marcados pelo *stress* e pelo desânimo. Mas, atentamos para um detalhe: o cansaço existencial, antes de atingir as instituições religiosas, políticas e econômicas contemporâneas em conjunto, atingiu primeiro o ser humano, individualmente e, a posteriori, às diversas formas de socialização.

Não queremos dizer com isto que os acontecimentos sociais, benéficos ou nocivos ao ser humano de ontem e de hoje, não tenham incidência sobre ele. Somos seres vulneráveis a todos os tipos de eventos públicos ou privados. Queremos aqui apenas pôr em relevo o que disse Jesus: "O que sai do homem, é isso que o torna impuro. Com efeito, é de

¹⁰ Na verdade, o que nós que cremos em Deus almejamos é chegar a olhar todas as coisas com os olhos de Deus.

dentro do coração dos homens que saem as intenções malignas: prostituições, roubos, assassínios, adultérios, ambições desmedidas, maldições, malícia, devassidão, inveja, difamação, arrogância, insensatez” (Mc 7,20-22).

Contemplando apenas a si mesmo, ao invés de contemplar primeiramente a Deus, como fez Jesus, o *homo sapiens* “evoluído” tem-se desnaturalizado, se desfigurado pessoal e socialmente. Trazido a este mundo para viver como criatura, não satisfeito com sua condição limitada, tem debatido o tempo todo contra esta característica que lhe é inerente, querendo a todo custo ocupar uma função de onipotência no mundo globalizado.

Tal pretensão pode fazer-nos vivenciar paradoxos inimagináveis, como o que estamos experimentando nesta pandemia. Se observarmos bem,

“a epidemia do coronavírus nos confronta com duas figuras opostas que prevalecem em nossa vida cotidiana: por um lado, aqueles que estão com uma sobrecarga imensa de trabalho a ponto de exaustão (...), e aqueles que não têm nada para fazer, pois estão (...) confinados em seus lares (...)” (ZIZEK¹¹, 2020).

Esta contrariedade simboliza mais ou menos a esquizofrenia social a que chegamos. Com esta “pausa obrigatória” a qual fomos submetidos, ficamos expostos a discrepâncias absurdas. Diante desse drama, notamos o quão difícil é, neste ritmo frenético que vivemos, parar para silenciar e escutar a voz da verdade que sussurra em nossa consciência. Igualmente, torna-se complicado perceber os *sinais de Deus* que permitem discernir nossos atos e optar pela humanização nossa e dos outros.

Todavia, entre os prejuízos trazidos pela Covid-19, existem também oportunidades. Uma delas, é a possibilidade de criarmos relações mais íntimas com Deus. A pausa involuntária à qual fomos entregues pelas quarentenas e distanciamentos, pode levar-nos a pensar sobre nossa necessidade urgente de andar menos e contemplar mais¹². Em certo sentido, a mística propõe revermos nossos conceitos e ampliarmos os horizontes concretos de um humanismo libertador e transcendente. Pois, a causa e o fim da mística não são uma mera contemplação filosófica ou apenas uma reflexão psíquica de cunho transpessoal¹³, mas um encontro real com Jesus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade¹⁴.

¹¹ Slavoj Zizek é filósofo e psicanalista, natural da Eslovênia.

¹² Na verdade, uma experiência mística autêntica nos impede de cairmos tanto no ativismo quanto no laxismo ou preguiça, antes chamada pelos teólogos de *acídia*.

¹³ A expressão “psicologia transpessoal” foi usada por Charles T. Tart para referir-se aos “(...) complexos fenômenos da dilatação da consciência, que ocorrem tanto em laboratório como nos estados de transe nos templos” (SUDBRACK, 1992, p. 294).

¹⁴ A mística não deve ser entendida apenas como especulação espiritual. Assim pensa o teólogo tcheco Tomás Halík: “Como terceiro pilar da existência cristã, considero a união entre ação e contemplação. Não queremos

Na verdade, "(...) a meditação cristã (...) só revela seu valor na ação. Jesus até coloca em pé de igualdade o 'amor a Deus' (...) e o amor ao próximo (portanto, a ação concreta) (cf. Mt 25,34-40)" (SUDBRACK, 2007, p. 36). Vemos aqui uma clara alusão ao fato da mística pretender nos tirar de estranhas e confusas conjecturas, fazendo-nos percorrer horizontes palpáveis de misericórdia.

Contudo, para que nos tornemos pessoas mais contemplativas e, por conseguinte, mais conscientes e eficientes em nossa missão de paz neste mundo, precisamos deixar de ser ativistas e de agir no automático. A ideia de que somos autossuficientes, a ponto de acharmos que o dinheiro e as conquistas tecnológicas que com ele vieram bastam-nos para realizarmos-nos, parece não encontrar argumentos em meio à pandemia que nos atinge. Pensando sobre esta questão importante, precisa o Papa Francisco, em forma de oração:

"(...) Não nos detivemos perante os teus apelos [Senhor Jesus], não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado¹⁵, te suplicamos: 'Acorda, Senhor!' (...)" (FRANCISCO, 2020, p. 21-22).

A expressão "não nos detivemos perante os teus apelos" permiti-nos aludir ao fato de que, na nossa inquietação contemporânea, quase não há tempo para a contemplação dos mistérios de Deus nas experiências humanas, nem para socorrer os mais vulneráveis das periferias físicas e existenciais. Como uma das consequências do nosso *stress*, do apego exagerado às coisas deste mundo, e da ausência de contemplação, tem surgido provavelmente a falta de sentido para a vida, o que, segundo o papa, implicou no adoecimento desta geração.

Na mesma linha de reflexão acima, acerca da exaustão de nossos povos e suas instituições políticas e econômicas, encontramos na filosofia o pensamento de Byung-Chul Han "(...) Movidos pela demanda de perseverar e não fracassar (...), [notamos que] o Eu está agora subjugado a si mesmo conforme limitações internas e autoamarras (...)" (HAN *apud* ZIZEK, 2020). Tanto para Han quanto para Francisco, a corrida desenfreada devido à "ambição por eficiência" a todo custo, numa busca irracional que pretende atender às demandas do mercado financeiro mundial, tem nos afastado da essência do que verdadeiramente somos: homens e mulheres inteligentes e capazes de transcendência.

O que parece termos dificuldade de compreender e aceitar, é que

constituir comunidades fechadas, à maneira de guetos ou de 'Igrejas como sociedades paralelas' (...)" (HALÍK, 2020, p. 10).

¹⁵ Mensagem Extraordinária emitida pelo Papa Francisco em 27 de março de 2020, por ocasião da expansão do coronavírus no mundo, com o título: "Por que tendes medo?" Uma meditação do Evangelho de Mc 4,35-41.

chegamos num estágio bastante arriscado de sobrecarregamento, com índices alarmantes de doenças psíquicas como a depressão. Há, pelo que tudo indica, de fato um aprisionamento do eu em realidades obscuras das quais o homem está encontrando sérias dificuldades para libertar-se delas, não obstante o progresso espiritual e intelectual aos quais chegou.

Vários indícios, intuímos, levam-nos a crer que não é a espiritualidade ou a religião em si a causa do problema hodierno. Mas é como temos utilizado destes meios para nos afirmarmos como super-homens, colocando-nos no lugar do Criador, sem deixar-nos interpelar pelos seus sinais. A mística, diante de tanta solidão e angústia que vivemos, pode nos ajudar a perceber a verdade de que Deus nos criou para a vida (Cf. Jo 14,6) e a alteridade (Cf. 1Jo 4,8.16). Por isso, não pode ser da vontade de Deus que tantos de seus filhos vivam oprimidos ou morram escravos de um processo de autodespersonalização como o que passamos. Na realidade, o que Deus deseja é "(...) nossa salvação eterna. O caminho [que Deus nos propõe] (...) não é outro senão que nos convertamos e vivamos segundo o Evangelho. Deus está nos convidando a voltar para Ele, (...) a sairmos de nós mesmos para pormos nossa atenção nos outros (...)" (OMELLA, 2020, p. 45).

Aliás, não é de hoje que a Palavra de Deus nos exorta a voltar para o Senhor e para nós mesmos (cf. Jl 2,13-14; Mc 1,14-15). O próprio significado do verbo grego *myô*, que dá origem ao vocábulo mística, e que significa *olhar para nosso interior*, nos convida a uma atitude de conversão. Neste retorno, numa postura de humildade, como cristãos católicos ou protestantes, devemos fazer uma sincera autocrítica, e nos empenharmos a reparar nossos erros, inclusive para com o meio ambiente. Sem uma metanoia, ao mesmo tempo antropológica e cosmológica, dificilmente reduziremos os danos que temos causado ao ser humano e à natureza.

Sim, não devemos deixar de fora de nossa conversão o respeito e o cuidado que temos faltado para com a mãe terra, nossa casa maior. Ela, tanto quanto os humanos, precisa de atenção e zelo. É nosso dever levar a sério a questão de que "(...) a pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar à sua etapa final (...)" (SANTOS, 2020, p. 20).

E prossegue Santos:

"(...) É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. Ora, uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. Essa exploração está a violar de maneira fatal o lugar da humanidade no planeta Terra (...)" (2020, p. 20).

Com efeito, ou escutamos (e *no escutar* a mística ter um papel

fundamental), para além dos clamores dos últimos de nossa sociedade que sofrem com a pandemia, os gritos da mãe terra, ou teremos sérias dificuldades para continuarmos habitando neste pedaço do Universo.

Considerações finais

Num momento de dura realidade, marcada pela presença do novo coronavírus, fomos, abruptamente, restringidos em nossa liberdade pelo distanciamento social. Em meio a uma crise existencial, política, econômica e social aguda, nos perguntamos sobre o papel da mística cristã diante deste fenômeno. Para os que cultivam a espiritualidade cristã (e para todos que desejarem), a mística parece apontar perspectivas de esperança enquanto um caminho historicamente experimentado, a fim de que o ser humano de hoje reencontre um sentido para sua existência.

Etimologicamente, tendo sua origem no verbo grego *myô*, que tem a ver com a atitude de fechar os olhos e olhar para o próprio interior, a mística cristã propõe o percurso do retorno à nossa própria essência. Sob a graça da luz divina, podemos revisitar nossa história e trazer ao presente as experiências que deram certo no passado. Para isto, precisamos aproveitar as ocasiões de solidão que a pandemia nos trouxe, e fazermos de nossa “pausa obrigatória” oportunidade de cultivarmos momentos fecundos de silêncio, escuta e diálogo com Deus.

Nesta “pausa contemplativa”, podemos perceber, ao escutar Jesus, que no mais profundo de nosso ser está o princípio da alteridade. Neste sentido, o místico é alguém que aprende a caminhar no compasso de Deus e, por isso, não se deixa levar pelo *stress* e nem pelas superficialidades da vida. Aprende a viver do necessário, e é movido por uma compaixão que faz do próximo um irmão que deve caminhar lado a lado, ajudando-o a ser protagonista de sua própria história.

Como um profeta de nossos tempos, o místico anuncia o amor de um Deus que não nos criou para a doença ou para a morte, mas para a vida em abundância. Por isso, denuncia que a pandemia e a angústia existencial pelas quais passamos, parece ter sua origem na ganância do homem por lucro e na sua ambição irracional por eficiência a todo custo. Desta sua ambição, nem mesmo o meio ambiente tem escapado. Cabe, portanto, ao próprio ser humano, em atitude de uma humilde e sincera conversão perante o Criador, repensar sua vida e seus valores, tomando uma posição clara a favor da solidariedade dinamizada pela alteridade.

Referências

AQUINO, Estela M. L. *et al. Medidas de distanciamento social no controle*

da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, jun. 2020. Disponível em: <http://scielo.br/j/csc/a/4BHTCFF4bDqq4qT7WtPhvYr/?lang=pt>. Acesso em 08 de mai. de 2021.

ALTRUÍSMO. In: *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/altruismo/>. Acesso em: 18 de jun. 2021.

BARBOSA, Luciana. Teresa d'Ávila e a presença na ausência. FACHIN, Patrícia. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 474, 5 out. 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6176>. Acesso em: 31 out. 2020.

BORRIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p. 706-754.

BURIL, Bárbara. A pandemia e o individualismo que nunca existiu. In: REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani (Organizadoras). *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfiponline, 2020. p. 30-34.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

HALÍK, Tomás. *O tempo das Igrejas vazias*. Lisboa: Paulinas, 2021. (Coleção Poéticas do Viver Crente)

FRANCISCO, Papa. *La vida después de la pandemia*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

BETTO, Frei. A mística e a política. In: VAN BALEN, Cláudio et al. *Teresa de Jesus: filha da Igreja, filha do Carmelo*. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1989.

HAN, Byung-Chul. *La emergencia viral y el mundo de mañana*. Disponível em: <https://elpais.com/ideas/2020-03-21/la-emergencia-viral-y-el-mundo-de-manana-byung-chul-han-el-filosofo-surcoreano-que-piensa-desde-berlin.html>. Acesso em 04 de jun. 2020.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993. Recensão de: CARVALHO, José Maurício. *Revista de Filosofia Argumentos, Fortaleza*, n. 9, (jan./jun. 2013), p. 329-334.

OMELLA, J. José. ¿Por qué Dios permite esta pandemia? In: MARCELO, Alarcón Álvarez (Organizador). *Covid-19*. Santiago: MA-Editores, 2020, p. 44-46.

OSPINO, Hosffman. Catequesis en tiempos de angustia existencial. In: TEJO, J. Díaz (Editor). *Después de la pandemia, ¿qué catequesis?* Santiago: Universidad Finis Terrae, 2020, p. 102-107.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. *Santa Teresa de Jesus: mística e humanização*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. "Mãe da psicologia"? Subjetividade, liberdade e

autonomia em Teresa de Jesus. SBARDELOTTO, Moisés. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 548, 8 jan. 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505364-em-edicao-mae-da-psicologia-subjetividade-liberdade-e-autonomia-em-teresa-de-jesus-entrevista-especial-com-lucia-pedrosa>. Acesso em 08 de dez. de 2020a.

PEDROSA-PÁDUA, L. Mística e profecia na espiritualidade cristã. O testemunho de Santa Teresa de Jesus. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, (jul./set. 2012), p. 757-778. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P21755841.2012v10n27>. Acesso em 04 de jun. de 2021b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, S.A., 2020.

SUDBRACK, Josef. Mística Cristã. In. GOFFI, Tullo; SECONDIN, Bruno (Orgs.). *Problemas e Perspectivas de Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 291-306.

SUDBRACK, Josef. *Mística: a busca do sentido e a experiência do absoluto*. São Paulo: Loyola, 2007.

TANQUEREY, Adolphe. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. São Paulo: Ecclesiae,